



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 30 de Dezembro de 1970

Confiança perante as tensões do mundo

O pensamento predominante destes dias, dedicados à celebração do mistério do Natal, encontra-se desviado pelos acontecimentos da vida internacional, que absorvem a atenção do mundo e provocam, na opinião pública, sentimentos de apreensão, deploração e mal-estar: a persistência da guerra, em diversas partes do mundo, determinados procedimentos judiciais, que tanto comovem a opinião pública mundial, o estado de tensão social em várias Nações, a delinquência e a violência, vendo-se multiplicados os casos de rapinas, de resgates, de delitos... O mundo parece ter sido assaltado pela doença da desordem, da falsa legalidade, da criminalidade, da pseudopolítica da força, da demagogia, da contestação sistemática, da corrida comercial e militar às armas... É verdade que também se fazem esforços generosos para obter a ordem pública, para chegar a acordos económicos, políticos e diplomáticos, com o objectivo de promover socorros e estímulos para um progresso renovador; mas tudo isto não é paz, não é civilização e não é cristianismo.

Nós, estranhos, nós, observadores, nós, homens do nosso tempo, que devemos fazer ? Deplorar, atacar, deixarmo-nos invadir pelo cepticismo e pelo pessimismo, perder a confiança nos homens e no nosso tempo ?

Não. Para sugerir alguma coisa, neste lugar e neste momento, exortamo-vos simplesmente a voltardes ao fio interrompido dos pensamentos sobre o Natal. Procuremos, primeiro que tudo, conservar a paz interior do espírito, não só com um esforço psicológico, para dominarmos, em nós próprios, as reacções negativas, que os males circunstanciais provocam nas nossas almas, mas com um acto religioso de confiança, positiva e operante, na economia da graça e da

bondade, que o Natal de Cristo instaurou sobre a terra, e que a festa que acabámos de celebrar, daquele acontecimento salvador, torna ainda actual e abençoado.

Se assim fizermos — e porque não devemos ser capazes de o fazer, com a fé e a oração? — readquiriremos uma liberdade pessoal de juízo. Isto é importante: agora que o encanto invisível, mas potentíssimo, da vaga da opinião pública, alimentada e utilizada pelos meios de comunicação social, tenta arrastar-nos e dominar-nos (quer seja feiticeira, fada ou anjo), devemos defender a nossa consciência nativa, iluminada por princípios lógicos e morais superiores. Então emerge na nossa mente um sentido primigénio de bem, de justiça, de humanidade; e esta pode ser uma preciosa vantagem, que nasce de uma situação confusa e desordenada, como a que nos circunda em determinadas horas e nos oprime. Nasce, ou renasce em nós, mais forte e mais recto, o desejo dos autênticos valores humanos: a ânsia de uma humanidade ideal volta a dar alento à nossa crítica; um sentido de comunhão, quer queiramos ou não, liga-nos aos acontecimentos do nosso tempo, purifica e exalta em nós o sentido da solidariedade, e impõe o peso e o estímulo da corresponsabilidade, com a consequente necessidade de nos distinguirmos daquilo que deploramos e corroborarmos propósitos novos de acção positiva, de empenho pessoal, de dedicação corajosa à causa que julgamos boa. Sentimos, assim, que cada um de nós deve sair de um estado de inércia moral, e muito mais, de qualquer forma activa ou passiva de aquiescência às forças negativas do modo de agir e da vida comunitária; uma nova carga da dinâmica operativa, ou seja, o dever, reentra em nós; e aparece a pergunta: que causa se deve servir?

Aqui, a nossa psicologia de observadores, primeiro indolentes e parasitas da cena do mundo, ou tentados a fugir à sua realidade, para procurar refúgio num egoísmo mais astuto, ou mais sonhador, agora despertados por uma vocação de milícia ideal, leva a uma pergunta que, para muitas pessoas, pode ser pouco honrosa, se ficar sem resposta: sei eu em que devo militar? Tenho ideias? Tenho princípios? Por que valores devo agir e combater? Tenho um conceito claro de qualquer coisa, pela qual vale a pena empenhar e dedicar a vida? Há qualquer ideia mais preciosa do que a própria vida? Porque só esta ideia daria não apenas significado e plena estatura normal à vida pessoal, mas poderia levar, fora de nós, à elevação moral do mundo, ou seja, à salvação comum. Descobrimos, por assim dizer, que não só o mundo, mas, sobretudo, nós temos necessidade de ideias; de ideias verdadeiras, de ideias fortes, de ideias novas, de ideias elevadas, de ideias que tornam o homem superior a si mesmo.

Onde chegaremos? Ideias boas e grandes, humanas e dignas, há muitas no nosso tempo, mas são, muitas vezes, dificultadas e devoradas por outras ideias opostas; e, no fim, a confusão ainda prevalece. Mas, tendo entrado no debate das ideias válidas para a salvação do mundo, por feliz e misteriosa força de circunstâncias, ou seja, de experiências, de atractivos, de verdade, somos levados até ao presépio: ao Cristo pequenino e humilde, que possui o segredo da nossa salvação. Não terminemos a reflexão sobre os presentes acontecimentos da nossa história sem nos recordarmos d'Ele, com a cabeça inclinada e o coração aberto.

Damo-vos a Bênção Apostólica.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana